

Textos de Internos do Case: Ferramentas de Comunicação e de Construção da Cidadania¹

Cristiane BARCELOS²
Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

Resumo

Ao analisar textos escritos por meninos menores de idade internos do Centro de Atendimento Socioeducativo (Case), de Caxias do Sul, no projeto *Recriar Textos*, este trabalho tem como objetivo observar como essa produção pode funcionar como ferramenta de comunicação e, conseqüentemente, atuar na construção da cidadania. São apresentados exemplos produzidos pelos garotos, que cumprem medidas de privação de liberdade por terem cometido algum delito, e consideradas ideias de teóricos como Bruner e Bhabha.

Palavras-chave

Comunicação; cidadania; Case; liberdade; literatura

Enquanto meninos em cumprimento de medidas socioeducativas têm a liberdade restrita, textos escritos por eles e publicados na forma de livro podem funcionar como uma espécie de ligação com o mundo externo, estabelecendo um processo de comunicação que pode proporcionar, ainda, a visibilidade. Ao analisar escritos produzidos por esses garotos, internos do Centro de Atendimento Socioeducativo (Case) de Caxias do Sul e publicados na obra *Mostra Literária da Rede Recria - Recriar Textos*, este trabalho tem o objetivo de discutir o papel da inserção midiática para a construção ou manutenção da cidadania desses jovens, bem como identificar um possível “assujeitamento” dos autores.

O *Recriar Textos* é resultado de uma série de oficinas literárias promovidas pela Rede de Atenção à Criança e ao Adolescente de Caxias do Sul (Recria). Essa rede é formada por entidades governamentais, não governamentais, conselhos setoriais e poder judiciário, que trabalham de forma integrada com objetivo de auxiliar menores carentes. As oficinas literárias são parte do trabalho desenvolvido por esse grupo e entre o público-alvo estão os meninos privados da liberdade cujos textos são objeto de estudo neste artigo. Em Caxias do Sul, rapazes menores de idade que cometeram algum delito e

¹ Trabalho apresentado no DT 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania - no do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Jornalista, mestranda do curso de Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

que foram destinados a cumprir medidas socioeducativas de privação total de liberdade são internados no Case. Já aqueles submetidos à semiliberdade frequentam o Centro de Atendimento em Semiliberdade (Casemi).

Além dos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, a Recria atende a centenas de meninos e meninas em outras diferentes situações de vulnerabilidade social. Entre eles estão aqueles que frequentam entidades assistenciais no turno inverso ao da escola, onde desenvolvem atividades recreativas gratuitas como aulas de dança, teatro e até reforço escolar. Outro foco das oficinas são os menores que vivem em casas lares ou abrigos provisórios, por terem sido afastados do convívio familiar via determinação da Justiça. As oficinas literárias ocorrem anualmente desde 2008 e envolvem crianças e adolescentes de seis a 18 anos de idade.

As atividades que resultam nos textos são realizadas dentro das próprias instituições onde os menores são atendidos, sob orientação de profissionais que já atuam com os jovens. Para poderem executar esse trabalho de leitura e escrita, esses monitores participam de preparação prévia promovida pela Rede Recria, por meio de palestras. Uma vez produzidos os textos, esse material passa por processo de triagem e os selecionados integram uma coletânea publicada em livro. Além das produções em forma de texto, os jovens participam com ilustrações, também editadas nas obras. Em 2016 o projeto *Recriar Textos* chegou à nona edição, lançada em outubro, durante feira do livro municipal. É desta última edição que foram selecionados os trabalhos que serão citados neste artigo.

Como forma de possibilitar uma sensação de real apropriação da obra como algo “seu”, os autores dos melhores trabalhos dentre os publicados são convidados a participar do lançamento do livro. A edição mais recente foi lançada oficialmente no dia 13 de outubro de 2016, com ação semelhante às realizadas por grandes escritores. Parte das centenas de autores do livro, dentre eles meninos em privação de liberdade que vivem no Case, estiveram na praça onde ocorria a feira – liberados por medida judicial – e acompanharam discursos que antecederam a uma sessão de autógrafos protagonizada pelos jovens escritores. Desta forma, esses meninos encontram por meio da obra publicada, além de um modelo para exercerem uma comunicação, uma forma de se sentirem de algum modo inseridos no mundo. Assim, este trabalho também mostra a relevância que as oficinas podem ter para quem vive, ao menos temporariamente, sem contato com o mundo externo. Além disso observa-se que, ao propiciar que os garotos

participem da primeira exposição pública da obra, o projeto contribui para que eles se sintam, de fato, cidadãos.

Em geral escritos em primeira pessoa, os textos produzidos pelos meninos do Case costumam ser curtos e têm como temas predominantes uso de drogas, criminalidade e violência. Em um dos textos analisados neste artigo, o autor é um jovem de 16 anos que narra parte do que sente por estar recluso. Ele é identificado na obra apenas como Tiago P., 16 anos, uma vez que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) orienta que seja preservada a identidade de menores de idade. O jovem autor escreve o seguinte:

Hoje estou numa cela/ pensando sempre nela,/ Para eu sair daqui/ e dar mais valor a ela,/ A ela, minha liberdade./ Estou morrendo,/ Morrendo/ de saudade da minha filha/ Que não veio me visitar,/ Mas com certeza minha mãe/ Não vai me abandonar./ Hoje é dia de visita/ Já me arrumei/ para ver minha família,/ Volto da visita/ Mais um dia sem ver minha filha,/ Esperando a próxima visita./ Assim passam os dias e as noites/ Esperando minha filha/ Amo demais esta menina/ Com muito orgulho, sou pai... (TIAGO P, 2016: 240)

O jovem revela a angústia por não ver a filha, por quem diz esperar a cada dia de visita, e transparece a decepção por não ter recebido a visita da garota, apesar de ter se preparado especialmente para aquele momento, quando escreve “[...] Já me arrumei/ para ver minha família [...]” Ele ainda menciona a importância que passou a dar para a liberdade após a reclusão, O trecho transcrito também mostra a força simbólica que a família exerce, mesmo que a realidade do jovem, agora, seja conviver com outros rapazes que também cometeram delitos e somente ter contato com quem está do lado externo em horários pré-estabelecidos, conforme normas determinadas pela instituição. É como se, para o menino Tiago, a relação com o lado de fora do Case não tenha sido extinta, hipótese reforçada quando ele expõe a tristeza por não receber a visita que imaginava. Desse ponto de vista, pode-se afirmar que o texto serve como uma ferramenta de comunicação, uma vez que o menino expõe seus sentimentos, inclusive a tristeza.

Outro texto escolhido para este artigo é de autoria de um rapaz identificado como Felipe U., de 18 anos. Ele narra a infância vivida em meio a um cenário marcado pela criminalidade e também comenta sobre como acabou submetido a uma medida de privação de liberdade:

Cresci no meio do crime, mas eu era um menino tranquilo, muito feliz, sempre tive de tudo, não posso reclamar. Via minha mãe acordar para ir visitar meu pai. Durante 15 anos ela foi a todas as visitas vê-lo, até que um dia resolveu que não iria mais. Escrevendo agora, lembrei que quando eu tinha 5 anos de idade, meu pai estava limpando uma arma, quando, de repente, disparou e acertou minha mãe, foi sem intuito de acertá-la, mas quase precisou amputar a perna. Foi neste momento que meus pensamentos começaram a mudar, era revoltado e brigava por qualquer motivo. Com 14 anos fiz meu primeiro delito, parecia estar tudo certo, mas na fuga fomos perseguidos e pegos. Fui preso, em pouco tempo fui liberado, como foi bom sair daquele lugar! [...] Encontrei meu tio, que me convidou para ir até a casa dele. Chegando lá, estava tudo fechado, fui subindo para casa da minha vó, quando alguém gritou “Felipe, mataram teu tio! ”, saí correndo, parecia não chegar nunca até ele. Quando cheguei ele estava caído no chão, todo baleado, meu mundo caiu, considerava-o meu pai, chorei muito, prometi naquele momento que vingaria sua morte. Perdido na decepção da perda do meu tio, entrei novamente na vida do crime [...] (FELIPE U, 2016: 277).

Ao relatar que chegou a ser apreendido antes, quando tinha 14 anos, o rapaz menciona a sensação de alívio ao reconquistar a liberdade: “[...] como foi bom sair daquele lugar! [...]”. Apesar dessa constatação, em pouco tempo ele acabou decidindo entrar na vida do crime outra vez, para vingar a morte do tio. De acordo com a narrativa, entende-se que Felipe U. fez essa opção ciente de que corria riscos, uma vez que já havia sido apreendido, conforme ele mesmo conta. Além disso, a privação de liberdade sempre fora presente na vida do rapaz, uma vez que ele narra que a mãe costumava visitar o pai na cadeia. O adolescente é claro quando diz “Cresci no meio do crime [...]” e encontra na ferramenta do texto um mecanismo para apontar qual a sua história de vida e, de certo modo, se explicar.

Os autores Elenice Maria Cammarosano Onofre e Elionaldo Fernandes Julião (2013) sinalizam uma questão importante: a bagagem de vida acumulada pelo indivíduo privado de liberdade. A relação entre o passado e o presente é claramente percebida em textos escritos por internos do Case, quando relembram o caminho de delinquência que os levou a deixar a rotina normal de vida livre ou da sensação que têm por não poder encontrar quem ficou do lado de fora. Exemplos disso podem ser verificados no texto citado a seguir, publicado na mesma edição e assinado por um rapaz identificado como Andrius S., de 16 anos, também interno do Case. Observemos a narrativa do passado até o tempo presente:

Quando eu era pequeno, só queria saber de brincar de futebol e de arminha. Quando fui crescendo, fui deixando essas brincadeiras. E comecei a fazer coisas erradas, que eu não queria fazer, comecei a andar com gente que não devia... comecei a deixar a minha mãe preocupada. A partir daí, comecei a me esconder da polícia, deixando a minha mãe chorando... sem saber se eu ia voltar para casa, com vida. Até que resolvi... largar e deixar tudo isso de lado... comecei a tirar coisas dos outros. Saía de casa às dez da noite, e só dizia tchau para a minha mãe e voltava às cinco da manhã. Quando eu chegava em casa... encontrava a minha mãe sentada no sofá, chorando. A minha família dizia para eu mudar, eu não dava ouvidos. Agora, mudei e larguei tudo isso de mão... (ANDRIUS S, 2016: 239)

No relato, o adolescente lembra das brincadeiras de infância, já relacionadas de alguma maneira à violência, comenta da fase em que se envolve com outras pessoas, que ele chama de “gente que não devia” e ainda fala da entrada no mundo do crime e o consequente ingresso no Case. No texto, embora não deixe claro qual delito cometeu e pelo qual foi privado da liberdade, afirma que “largou tudo isso de mão”, ou seja, sinaliza para uma possível retomada da vida anterior à criminalidade, a partir do término do período de reclusão. Onofre e Julião mencionam que é comum a uma pessoa privada da liberdade carregar como memória as vivências de situações passadas antes e durante o período em que estivera em uma “carreira delinquencial”. Para esse indivíduo, apontam os autores, as expectativas de futuro em geral incluem o desejo de iniciar uma vida nova, a qual contaria com trabalho, estudos e construção de uma família (ONOFRE e JULIÃO, 2003: 55). Para os autores, “é o cotidiano que revela as bases sobre o que é possível, mas não deixa de trazer embutido o passado, como memória e incorporação de vivências” (ONOFRE e JULIÃO, 2003: 55).

Em outro texto, o autor é um jovem de 17 anos, identificado como Isaías, que também expressa no papel sua experiência de vida, mencionando os percalços enfrentados por ser usuário de drogas e de como acabou envolto na criminalidade, na tentativa de enfrentar o vício. Neste exemplo, o jovem não hesita em assumir a tristeza nem em narrar que chegou a ser internado, mas não conseguiu se manter longe dos entorpecentes nem do crime.

[...] Quando fiz 10 anos comecei a me envolver com amigos, e, junto com eles, comecei a usar drogas. Para sustentar meu vício, comecei a roubar, fui internado várias vezes, mas nada resolveu, saía da clínica de recuperação e voltava a ser usuário [...]. Revoltado, tive que lutar e enfrentar as barreiras em meio à solidão, em meio à tristeza; não é fácil não, uma criança crescer sem pai, mas tive que lutar, tive que correr atrás, tive que fazer meus “corres” para sobreviver. Até tentei

trabalhar, mas logo o crime da cidade me envolveu [...] (ISAÍAS, 2016: 274-275).

Uma vez observado o teor das narrativas citadas neste artigo, em que os meninos relatam a experiência vivida antes de chegar ao Case e manifestam sentimentos, chegamos ao ponto de vista citado pelo americano Jerome Bruner. Em artigo na revista *Critical Inquiry* (1991), o autor aponta que “o conhecimento nunca ocorre desprovido de um “ponto-de-vista”, raciocínio que pode, inicialmente, ajudar a compreender o papel das experiências vividas pelos jovens escritores ao transformar suas ideias em palavras escritas. No mesmo artigo, Bruner parafraseia Lev Semenovitch Vygotsky (1962) ao citar a ideia de construção da realidade: “produtos culturais, tais como a língua e outros sistemas simbólicos, intermedeiam o pensamento e colocam seu carimbo em nossas representações da realidade” (VYGOTSKY 1962 apud BRUNER, 1991: 3).

O mesmo autor enumera 10 características apresentadas por narrativas. Dentre elas, Bruner cita a particularidade: para o estudioso, acontecimentos particulares funcionam como referências ostensivas para uma narrativa, embora ele pondere que essas intenções não sejam determinantes para o andamento do texto: “Em alguma medida, a intervenção está sempre presente na narrativa, e essa intervenção pressupõe uma escolha, um elemento de “liberdade”, completa (BRUNER, 1991: 7).

Em linha de raciocínio semelhante, Umberto Eco (2005) destaca que concluir o que o autor quer dizer é uma aposta interpretativa, auxiliada pelos contextos – é preciso considerar a bagagem de conhecimento do próprio leitor, inclusive. Para Eco:

A intenção do texto não é revelada pela superfície textual. Ou, se for revelada, ela o é apenas no sentido da carta roubada. É preciso querer “vê-la”. Assim, é possível falar da intenção do texto apenas em decorrência de uma leitura por parte do leitor (ECO, 2005: 75).

Assim como a bagagem cultural do leitor é relevante para a interpretação da mensagem, Homi K. Bhabha chama a atenção para o papel do lugar de onde emerge a mensagem transmitida no texto: “O que se interroga não é simplesmente a imagem da pessoa, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégica e institucionalmente colocadas” (BHABHA, 1998: 81).

Observe-se, ainda, como o meio em que os meninos do Case estão inseridos – ou seja, um sistema de reclusão, sujeito a regras de convivência e sem contato com o mundo externo – pode ser relevante e influenciar nas narrativas que eles constroem.

Tendo como base ideias do filósofo francês Michel Pêcheux, Rita Catalina Aquino Caregnato e Regina Mutti (2006) defendem que o sujeito é “assujeitado” ao coletivo, processo que ocorre de forma inconsciente, à medida em que interioriza conhecimentos (CAREGNATO E MUTTI, 2006: 681). Pode-se aplicar essa tese de “assujeitamento” nessa análise levando-se em conta que os textos dos meninos do Case considerados seguem modelo semelhante entre si, inclusive com temas comuns, o que denuncia que de fato ocorra essa relação natural de troca.

Como processo de comunicação, pode-se dizer que o projeto *Recriar Textos* atua como ferramenta de afirmação da cidadania não somente por proporcionar que as ideias desses jovens sejam impressas no papel e assim possam ser lidas e propagadas. Trata-se também de parte de um processo de recolocação no mundo, tão valorizado principalmente pelos meninos sem contato direto com o lado além das paredes do Case. É uma construção que começa desde o trabalho de elaboração dos trabalhos, quando os jovens têm a oportunidade de expressar sentimentos, e passa, inclusive, pela divulgação proporcionada pelo lançamento da obra. As oficinas servem assim como uma forma para eles não apenas “se dizerem” entre si, mas se perceberem atuantes. Além disso, o *Recriar Textos* mostra-se como uma “vitrine midiática” não só para o projeto como para os meninos que, por estarem reclusos, vivem em um lugar aquém da sociedade.

Referências:

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRUNER, Jerome. *A Construção Narrativa da Realidade*. Tradução de Waldemar Ferreira Netto. *Critical Inquiry*, Chicago, 18, p. 1-21, 1991.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, Out/ Dez. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>. Acesso em 7 abr. 2017.

ECO, Humberto. *Interpretação e superinterpretação*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano Onofre; JULIÃO, Elionaldo Fernandes Julião. *A Educação na Prisão como Política Pública: entre desafios e tarefas*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 51-69, jan./mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n1/05.pdf>. Acesso em 6 abr. 2017.

RECRIAR Textos – Ler e escrever: da realidade à fantasia. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 2016.